

tão imediato como a côr e o som. E' inexplicitável como todos os dados imediatos da consciência, e por isso temos apenas que constató-lo, pura e simplesmente. O nó da questão está na construção imediata do infinito quanto à possibilidade da mesma experiência mental.

Que tal experiência se aplique a tempo, espaço, ou número, que se aplique a uma extensão indefinida de uma recta ou à divisão indefinida de um segmento de recta, que seja uma extensão indefinida de espaço ou de tempo, ou à sua divisão, o processo psicológico é sempre o mesmo.

Esta experiência é simbolizada em conceitos, pela necessidade que o espírito tem de repousar sôbre símbolos e de trabalhar com êles. Como dizíamos em 1915 (1) «a noção do espaço absoluto, por exemplo, como a de todos os absolutos e infinitos, não passa de um nome que constitui uma experiência mental, não passa de um símbolo ou, se se quiser, de uma noção determinada por um empirismo mental — é a noção dessa experiência aquilo que nós chamamos noção ou concepção de espaço absoluto. Assim, quando, tendo concebido graças a uma abstracção determinada por um dado objecto, no caso habitual, ou, se quizermos descer à génese primordial da idea, graças a uma sucessão de sensações musculares, que representa uma dada quantidade de espaço, posso mentalmente duplicá-la; e como a mesma razão que me permite duplicá-la persiste, eu posso quaduplicá-la, e a razão persiste ainda, e assim de seguida; — percebo, pois, que esta experiência é susceptível de uma continuação sem fim; — mas não percebo mais nada senão que esta experiência é tal como acaba de ser descrita. E' então a experiência substituída por um nome; — e como os nomes nos parecem em geral significar absolutos, assim se gera por uma verdadeira ilusão psicológica a concepção vazia de espaço absoluto, a qual na realidade não concebo, e se esvai da mente desde que procuro vê-la de face, pois sob o nome, nada mais há do que uma experiência mental que se tornou surda na consciência, como as aprendizagens e os hábitos, e tudo o que é repetido».

Esta possibilidade infinda na sucessão

(1) Abel Salazar, «Ensaio de psicologia filosófica», Porto, 1915.

da experiência, — em que o elemento *infindo* representa um dado imediato, inexplicitável — simbolizada num nome, ou num sinal, constitui todo o conteúdo dos conceitos d'infinito e d'absoluto e é a causa das principais *ilusões psicológicas* dos conceitos metafísicos.

Notemos que a simbolização do facto empírico é devida a necessidades lógicas, mas também a necessidades psicológicas. Não podemos referir-nos sempre ao facto tal como êle é, nem trabalhar com êle sem um símbolo; o espírito tem de se estabilizar num conceito, ou no seu símbolo. Succede porém que um mecanismo psicológico habitual transforma lentamente o símbolo numa espécie de entidade, o que constitui uma verdadeira ilusão mental ontológica; desta forma *actualiza* o que é na realidade um fluxo em devenir. Estabelece-se assim uma contradição irreductível entre a significação illusória do símbolo e a sua *actualização*, e o carácter do fluxo em devenir, que é próprio e essencial à experiência correspondente ao símbolo. Quer dizer, entre o fenómeno e o seu símbolo estabelece-se lentamente uma divergência, que fez com que o símbolo corresponda a um conteúdo contradictório com aquêle que realmente lhe corresponde. Esta transformação do conteúdo do símbolo realiza-se precisamente pelo processo d'automatismo mental conhecido que nos leva a dar um conteúdo qualquer, imaginário, a qualquer símbolo. Ouvindo pronunciar um nome, com frequência, acabamos sempre por lhe associar uma qualquer representação mental; da mesma forma ao símbolo representativo da experiência referida, acabamos sempre por conferir uma vaga figuração, uma vaga existência, e uma vaga actualização. E' êste o mecanismo psicológico da ilusão mental que vamos encontrar na raiz dos pseudo-conceitos da Metafísica.

Notemos que, quando abstraímos da qualidade da intuição, espaço, tempo, quantidade, fica o processo empírico da repetição indefinida a nú, no seu esqueleto psicogenético: e é êste processo precisamente que, transportado para a matemática, serve de base para a construção de Infinito.

«A noção de infinito, dizia Tannery, de que se não deve fazer mistério em Matemáticas, reduz-se a isto: depois de cada número inteiro, existe um outro». Ao que Hadamard acrescenta: «infelizmente parece